

Operadora: Bom dia e obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência dos Resultados do Segundo Trimestre de 2009 da CPFL ENERGIA.

Conosco hoje estão presentes os executivos: **Wilson Ferreira Júnior**, Presidente da CPFL Energia e **José Antônio de Almeida Filippo** – Vice Presidente Financeiro e de Relações com Investidores e outros diretores da companhia.

Esta teleconferência está sendo transmitida simultaneamente pela Internet no Site de Relações com Investidores da CPFL ENERGIA, no endereço: www.cpfl.com.br/ri. Onde poderá ser encontrada a respectiva apresentação para “download”. Informamos que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da empresa e em seguida iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando maiores instruções serão fornecidas. Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a conferência, queiram por favor solicitar a ajuda de um operador digitando *0. Cabe lembrar que esta teleconferência esta sendo gravada.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante essa teleconferência, relativas às perspectivas de negócios da CPFL ENERGIA, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da diretoria da Companhia, bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer. Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais, podem afetar o desempenho futuro da CPFL ENERGIA e podem conduzir a resultados que diferem, materialmente, daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora gostaríamos de passar a palavra ao **Sr. Wilson Ferreira Junior**. Por favor, **Sr. Wilson**, pode prosseguir.

Mr. Wilson Ferreira Junior: Ok. Então, muito bom dia a todas e a todos, é uma satisfação estar aqui com vocês compartilhando os resultados do segundo trimestre de CPFL Energia.

Eu imediatamente me coloco aqui na **página 2**, onde nós temos os destaques desse segundo trimestre. Onde nós temos, na primeira linha, os resultados reportados, ou seja, nós estamos reportando então um aumento de 15 % nas nossas receitas, atingindo 2.657 milhões nesse trimestre.

Também um Ebitda de R\$ 691 milhões, ele se compara com o segundo trimestre do ano passado, com 3,7% de queda. E na última linha nós estamos reportando um lucro líquido de 289 milhões, e ele também reportado corresponde a uma queda de 11,5% em relação ao mesmo período do ano passado.

Nós temos, nesse resultado, dois eventos não-recorrentes. O primeiro, diz respeito ao alinhamento de processos na CPFL Serviços. E nesse resultado nós estamos aqui estornando 8 milhões de custos que estavam diferidos das operações dos últimos cinco anos, a partir da entrada em operação dos sistemas de gerenciamento ERP da Companhia.

Então isso determinou um estorno de cerca de R\$ 8 milhões, e isso afeta diretamente, então, colocando aqui o Ebitda, nós, de forma recorrente, teríamos o Ebitda de R\$ 699 milhões, o que corresponde a uma queda de 2,1%.

Também nesse trimestre nós tivemos aqui a aplicação de uma multa em função de indicadores de DEC e FEC de 2003 e 2004, pela Agência recentemente deliberado. Onde nós conseguimos uma pequena redução em relação à atuação que tínhamos do passado - 2003 e 2004. Essa redução de 19 milhões caiu para 16 milhões, e esses valores são atualizados por Selic, razão pela qual também nós lançamos esse volume já na despesa financeira da Companhia.

Se fizermos uma comparação do lucro em valores recorrentes, não só pelo efeito da eliminação desses custos de serviços, mas também pela aplicação dessa multa, nós teríamos então um lucro líquido de 307 milhões, e não de 289 conforme reportado. E esses são números importantes para os senhores analistas poderem fazer as suas projeções futuras.

Nós colocamos aqui como destaque um *highlight* desse segundo trimestre. Em primeiro lugar o crescimento de mercado. Nós tivemos crescimento seja no segmento cativo, seja no segmento livre, crescimentos importantes em vista da crise econômica que começa a dar sinais importantes de recuperação.

Então nós tivemos um crescimento nas vendas de 1,6% para o mercado cativo, e de 16% no mercado livre. O mercado cativo nós vamos falar daqui a pouco, mobilizado especialmente por vendas do segmento residencial e comercial. E no mercado livre pela operação de venda de energia no Leilão de Ajuste, tal como outros *players* do setor.

É importante destacar, e a receita denuncia isso, um aumento de 15%. Nós fomos impactados diretamente pelos reajustes tarifários de CPFL Paulista e RGE, algo em torno de 18 a 20%.

Mas, como todos sabem, esses reajustes mais altos são decorrentes principalmente de reposição de valores na "Parcela A", basicamente cobrindo as variações cambiais ocorridas desde setembro do ano passado até o começo desse ano, hoje o dólar está mais comportado.

Mas também os despachos de energia térmica, esses valores praticamente determinam mais da metade desse reajuste somente nessas duas rubricas. Então os reajustes são muito mais para recompensar ou reembolsar a companhia por valores antecipados, do que propriamente pela aplicação de valores futuros.

Destaques nesse trimestre também a emissão de R\$ 1 bilhão em debêntures, já com *benchmark* de mercado, a uma taxa média de 110,3% do CDI. Uma emissão complexa, única no país, uma emissão simultânea de sete companhias, onde nós tivemos o valor médio de 110,3, destacando-se a CPFL Geração, a 109,8%, nós vamos detalhar isso também mais à frente.

Eu queria destacar a deliberação que tivemos na reunião extraordinária do nosso conselho de ontem, na distribuição de R\$ 572 milhões, ou seja, o lucro integral do primeiro semestre na forma de dividendos a serem pagos normalmente no último dia de setembro.

E, finalmente, a companhia ter sido reconhecida pela Management & Excellence como a Companhia mais sustentável na América Latina, e a segunda em transparência no mercado de capitais. Então são destaques importantes desse segundo trimestre, e que nós passaremos aqui a detalhar.

Queria também destacar a companhia CPFL Paulista, uma das nossas controladas, a maior distribuidora, sendo reconhecida pela Abradee como a melhor distribuidora brasileira no *ranking* de 2008.

Bem, passamos agora à **página 3**, aonde nós já começamos aqui dar um detalhamento do comportamento de mercado, destacando-se do lado esquerdo o comportamento no segmento residencial e comercial, com valores importantes, crescimentos superiores a 5%, 5,4% no residencial e 6% no comercial.

E eles são todos impactados por um comportamento de mercado que está aqui reportado, e que continua sendo consistente ao longo do tempo. Com isso eu falo da massa salarial, crescendo 7,5% em São Paulo, 3,4% no Rio Grande do Sul. As vendas de móveis e eletrodomésticos crescendo 7,6% em São Paulo, 6% no Rio Grande do Sul. As vendas do comércio varejista, 9% em São Paulo, 3% no Rio Grande do Sul.

E também por temperaturas mais altas nesse segundo trimestre, destacando-se aqui mais de 20% na região de Sorocaba e Campinas, em São Paulo, e praticamente 12% em Ribeirão Preto.

Todas essas variáveis impactam positivamente o segmento residencial e comercial, que, como vocês sabem, são segmentos atendidos em baixa tensão e, portanto, tem uma tarifa mais alta.

Do outro lado também, até como uma forma de evidenciar, é o consumo residencial diário. Nós temos aqui nesse período, na comparação com o

segundo trimestre do ano passado, um crescimento de 2,9% no consumo residencial diário, chegando próximo de 6 KWh por cliente por dia. É uma medida importante que avalia o aumento de consumo no segmento residencial.

É importante destacar também, e eu vou detalhar mais a frente, nós tivemos também um crescimento importante no número de clientes atendidos pela Companhia, um crescimento de 2,5%.

Do lado direito nós temos aqui já, e eu diria assim, talvez com maior clareza, a luz no fim do túnel no que diz respeito ao comportamento industrial, que caiu nessa comparação de trimestres 9,7%. Vocês podem ver no estado de São Paulo, 13,8%, no estado do Rio Grande do Sul, 10,5, esse é o consumo total de consumidores na área de concessão.

Eu vou detalhar no mercado cativo e depois no mercado livre. Mas as curvas demonstram... a curva amarela seria o equivalente ao comportamento industrial no país, que mostra que realmente a parte mais baixa ocorreu no final do primeiro trimestre, nós estamos em franca recuperação.

E o mesmo comportamento ocorre nas áreas de concessão atendidas pelo Grupo CPFL Energia, com um pouquinho mais de vigor, mas é pouca coisa, onde nós já temos uma recuperação, conforme pode ser vista nesse gráfico.

Um outro dado que comprava essa tese são exatamente os pedidos de aumento de demanda dos nossos clientes. Cerca de 100 clientes pediram aumento de demanda, isso aumenta a demanda em 1,58. Ao mesmo tempo em que apenas 54 pediram redução e essa redução dá 1,43%, portanto o saldo é positivo em cerca de 0,15% ou 10,8 MW.

Então nós estamos falando realmente de um processo mais lento de recuperação na indústria, mas que já está ocorrendo e muito claramente evidenciado por esse gráfico.

No gráfico seguinte, na **página 4**, nós temos... aí já é uma abertura maior das vendas de energia. Portanto, no meio nós temos as vendas de energia na área de concessão. Verde escuro, os consumidores cativos, ou seja, atendidos e faturados pela concessionária, aquele crescimento de 1,6% que eu havia falado. E em verde claro exatamente os consumidores livres atendidos na área de concessão pelas nossas redes, e que permitem à Companhia a aplicação da tarifa de uso do sistema de distribuição.

Esses consumidores de maior porte, como pode ser visto, tiveram uma redução do seu consumo de 12,1%. O todo então na área de concessão, cativos e livres, dá uma redução de 1,8%. Ela se compara, no gráfico abaixo, com o comportamento no Brasil de 2,4% de queda nesse período, mas já em recuperação, conforme havíamos demonstrado.

Do lado direito nós temos aqui as vendas no mercado livre, que cresceram cerca de 16,3%. E aqui o principal elemento que determina esse crescimento são exatamente as vendas realizadas pela Companhia no chamado "Leilão de

Ajuste”, uma oportunidade que foi aproveitada pelo Grupo e que determinou então esse maior volume de vendas no mercado livre, atingindo 2.548 mil GWh.

A soma da parte amarela, ou seja, mercado livre, e da parte verde escura, mercado cativo, é que determina as vendas totais de energia, crescendo então 4,4%, atingindo 11.811 mil GWh.

Na parte de baixo vale a pena aquele detalhamento, falamos já sobre o residencial e comercial, e aqui a parte industrial, caindo 7%. Os consumidores industriais faturados pela concessionária, portanto, os consumidores industriais cativos.

Observem que o comportamento é ligeiramente melhor do que os grandes consumidores industriais, então a queda é de 7%. E os demais segmentos, somando 5,8%.

Na **página 5**, nós fazemos então uma apuração desses resultados, antes de detalharmos, do comportamento de cada um dos segmentos. Iniciando pelo segmento de maior representatividade nos nossos resultados de distribuição, o que significa 63% do Ebitda da empresa.

Ele tem uma queda de 8,6% nesse trimestre, e ela se deve basicamente por um aumento de 1,6% nas vendas, ainda pequeno no nosso portfólio. O reajuste tarifário das companhias, e aqui claramente pelo efeito remanescente das chamadas “revisões tarifárias”.

Como os senhores e senhoras se recordam, nós tínhamos revisões tarifárias ainda provisórias, se tornaram definitivas, em particular no caso de Paulista e de RGE no mês de abril, e que incorporaram aqui os efeitos remanescentes da chamada “redução da empresa de referência”, ela tem retroatividade de dois anos. Então isso que torna esse efeito um pouco pior, nós temos uma queda então no Ebitda de distribuição de 8,6%.

É importante destacar que tivemos uma despesa não-recorrente de 4 milhões no ano passado, o que prejudica um pouco essa análise. Mas os números são desta ordem, uma queda de 8,6%.

Nos outros dois segmentos – o segmento de geração, um crescimento de 10,2%. Ele é impactado diretamente pela entrada em operação da Usina de 14 de Julho, que responde pela maior parte desse acréscimo, e dos reajustes contratuais em IGP-M, que no cenário atual são mais baixos.

No final, na última linha, nós temos a linha dos segmentos de comercialização no mercado livre e serviços, que reportado tem uma queda de 5,3%. Mas ela é afetada diretamente exatamente por aquela despesa não-recorrente, das despesas diferidas que foram reconhecidas integralmente nos últimos cinco anos no nosso balanço da CPFL Serviços de R\$ 8 milhões. Isso faz então com que o Ebitda recorrente seria de 5,2% positivo.

Então no segmento de geração e de comercialização, desempenho positivo. No segmento de distribuição, um desempenho negativo, motivado particularmente pelo *off-set* definitivo das revisões tarifárias.

Isso estabelece então esse novo *breakdown* com a área de comercialização e serviço participando com 10% do Grupo, e os demais 27% relativos à atividade de geração de energia elétrica, com a margem Ebitda consolidada de 28%, pós todos os efeitos de revisão tarifária.

Nós vamos então agora detalhar o Ebitda e o lucro, na **página 6**, o Ebitda. Nós estamos, como havia colocado, reportando R\$ 691 milhões desse Ebitda no segundo trimestre, com basicamente um aumento de 16,2% na receita líquida, motivado principalmente pelos ajustes tarifários, pelo maior volume de 4,4% no mercado livre e mercado cativo, o *net* disso. O *reset* das revisões tarifárias de Paulista e de RGE, as duas maiores operações da Companhia. Esse é o efeito intrínseco para a Companhia, então são basicamente os efeitos de “Parcela B”.

Finalmente o aumento da receita de TUSD, em que pese o volume faturado de TUSD ser menor, fruto dessa redução de consumo dos consumidores livres, nós tivemos um aumento nominal dessa tarifa, o que permitiu então o aumento de 5,3% na receita de TUSD de R\$ 10 milhões. Esses são os eventos positivos que são reconhecidos aqui na receita líquida da Companhia.

Do outro lado, os custos decorrentes desta receita. Há um aumento então de 30,2% no custo com energia e encargos, somando R\$ 369 milhões. Basicamente todos os custos reconhecidos de forma definitiva no reajuste tarifário, em particular aqueles dois que havia falado ao início da apresentação – o reconhecimento do câmbio e o reconhecimento dos despachos.

E nós temos também, e que estão incorporados aqui no custo de Itaipu, com reajuste de 8,7%, e um câmbio no IRT 25,2% maior, além de um aumento de 56,5% nos encargos e uso do sistema, dado o despacho das térmicas. Então observem que os valores são significativos, mas são efeitos que, já em vista do cenário macroeconômico atual, não devem se repetir à frente.

Nós tivemos, e aqui gerenciável, um aumento de 6,8% nos nossos custos e despesas. Aqui é importante destacar para que a gente tenha um efeito recorrente de apenas 2,6%, aqui nós estamos descontando então o efeito da alienação de imóvel no ano passado, de 4 milhões. Da apropriação, como havia falado, de custos em períodos anteriores que estavam diferidos na CPFL Serviços de 8 milhões. E o adicional de custo pela entrada em operação da Usina de 14 de Julho.

Eliminados esses efeitos não-recorrentes, nós teríamos então o custo de O&M recorrente crescendo 2,6%, contra um IPCA, que é o principal índice, indexador das despesas, de 4,8%. Então continuamos, apesar da crise, com ganho relativo aos custos de pessoal, material, serviços de terceiros e outros.

Chegamos então na **página 7**, um detalhamento maior do lucro líquido. Então ele começa exatamente com essa redução do Ebitda reportado de 3,7%, de 27

milhões. Um ganho de 11% no resultado financeiro, ele ocorre pela redução de 13,6% na receita financeira, naturalmente por conta, como pode ser observado no *box* do lado, a Selic no segundo trimestre do ano passado de 2,8%, contra 2,4%. Então o caixa aplicado remunerado a um valor menor.

Do outro lado é a parte positiva disso, uma redução de 12,4% na despesa financeira, o que perfaz R\$ 24 milhões. Ela ocorre principalmente pela redução de 72,8% nas despesas com atualizações monetárias e cambiais, 37 milhões. e ela tem um *off-set* da multa da Aneel relacionada a esse atendimento de indicadores de DEC e FEC no total de 19 milhões.

Então um resultado positivo... o resultado financeiro positivo, menos positivo em função da multa, mas ela não é recorrente, conforme foi colocado, e ela é devida à operação feita pela concessionária em 2003/2004.

Somam-se a esses efeitos exatamente da entidade de previdência privada, R\$ 22 milhões, contra a previsão estabelecida pelo Atuário. O aumento de depreciação e amortização de 4 milhões, pela ativação de novos ativos, seja de geração, seja de distribuição. E, óbvio, a contraparte da redução de imposto de renda e contribuição social contra período do ano passado, em particular por conta da redução de Ebitda já detalhado.

Com isso tudo nós chegamos então a 289 milhões de lucro líquido, o que perfaz no primeiro semestre os R\$ 572 milhões, que podem ser vistos na próxima página, na **página 8**, sendo deliberado a distribuição de 100% deste lucro líquido na forma de dividendos, o que perfaz então o valor de R\$ 1,19 por ação. E caracteriza, na cotação... da ação da CPFE3 dos últimos doze meses um *yield* de 7,6%.

Colocando a Companhia, olhando-se os últimos cinco anos, como uma das cinco maiores pagadoras de dividendo de todas as ações listadas no Bovespa. E se olharmos desde o IPO, em setembro de 2004, então nós estamos completando quase cinco anos, nós estamos falando aqui de um *dividend yield* de 71,3% do valor de lançamento da Companhia, um investimento que teve uma grande rentabilidade, sem dúvida nenhuma.

Indo agora à **página 9**, onde nós poderemos apontar aqui alguns efeitos de eficiência operacional, que é um objetivo permanente, e em particular com foco na distribuição.

Com pode ser visto pelos *boxes* de cima do lado esquerdo, houve um aumento da inadimplência na atividade econômica no Brasil inteiro, e em São Paulo em particular. Isso pode ser visto uma variação no índice de inadimplência geral de 5,7% para 7,7%.

É natural que tenha ocorrido também o aumento de inadimplência de energia, embora bastante mais comportada, praticamente imperceptível. Esse aumento foi de 1,38% para 1,45%, é levemente aumentado no Grupo inteiro. Fica bem claro que o aumento da inadimplência ocorreu no estado de São Paulo, com um aumento de 0,12%, pontos percentuais de 1,09% para 1,21%.

Ao passo em que no Rio Grande do Sul nós tivemos uma redução de 0,4% pontos percentuais, vindo de 2,81% para 2,41%. Então a inadimplência, em que pese o momento mais delicado da economia, e nós claramente estamos saindo dele, ela teve um efeito muito leve, muito ligeiro na inadimplência no Grupo.

É importante destacar, do lado de baixo, que a economia crescendo rapidamente, permitiu a Companhia adicionar 2,5% de novos clientes a sua base de clientes, totalizando então a marca de 6,5 milhões de consumidores atendidos pelo Grupo através das oito concessionárias de distribuição.

E, indo em continuidade ao programa de maior eficiência, um crescimento na produtividade medida em clientes por colaborador de 7%. Em que pese ainda as vendas totais de energia estarem um pouco mais comportadas, nós também tivemos um crescimento de 2,5% na produtividade medida em vendas por colaborador.

Isso sem dúvida nenhuma teve reconhecimentos. Na **página 10** nós temos os reconhecimentos feitos pela Abradee no último prêmio, lançado agora no mês de Julho. Onde a Paulista foi novamente reconhecida como a melhor distribuidora nacional, isso já ocorreu cinco vezes com essa concessionária. Mas nós tivemos também a RGE sendo reconhecida como a melhor concessionária do sul do país, e também na área de responsabilidade social.

É importante destacar que das quatro primeiras colocadas do Prêmio Abradee em um nível nacional, três fazem parte do Grupo CPFL - a Paulista, a Piratininga e a RGE. Essas são três das quatro companhias que tiveram melhor desempenho dentre as 64 empresas brasileiras acompanhadas pela Abradee.

Na **página 11** nós compartilhamos com os senhores uma visão dos dois principais investimentos em curso na Companhia na área de geração, ou seja, a usina de Foz do Chapecó, que já se encontra com 74% da obra realizada.

Isso é um dado muito importante, o investimento previsto da Companhia é de R\$ 1.328 milhões, somente no primeiro semestre nós investimos quase R\$ 200 milhões. Então nós já atingimos com isso R\$ 908 milhões. E esse dado é importante até na avaliação que se faz na seqüência do endividamento da empresa.

A previsão é de que ela entre em operação no segundo semestre do ano que vem, e com uma receita estimada de R\$ 290 milhões por ano. Como todos sabem, nós operamos com margens na área de geração superiores a 85%, isso já dá uma idéia do Ebitda que será associado ao Grupo, praticamente 10% do valor verificado hoje no Grupo inteiro.

O que faz com que a área de geração tenha uma musculatura maior, e com ela nós vamos atingir mais de 2.2 mil MW instalados, já colocando a Companhia entre as três maiores empresas de geração privada brasileira.

Do lado direito, a usina biomassa Baldin, também é um investimento que começamos ao final do ano passado, 68% da obra realizada. Esse empreendimento entra em operação no primeiro semestre do ano que vem. Um investimento de cerca de R\$ 100 milhões, já realizado R\$ 28 milhões. Então temos aqui... ela entra em operação em março de 2010. Uma usina em ritmo bastante acelerado, o primeiro empreendimento da CPFL Bioenergia.

Aqui na **página 12**, somente para informação, os próximos eventos de leilão. O Leilão de A-3 que ocorrerá agora em agosto, uma expectativa de vendas de 300 a 500 MW médios. E onde haverão como fontes, principalmente térmicas a gás natural e biomassa. Nós devemos entrar nesse leilão como compradores de energia.

No Leilão de Reserva em novembro de 09, expectativa de 400 a 600 MW médios, fonte eólica. Nós devemos estar lá participando com um empreendimento que nós estamos agora em final de prospecção. Então participaremos desse leilão para a entrada no setor de eólica da CPFL Energia.

O Leilão de A-5 que ocorre no último trimestre do ano, a expectativa de venda já é de 900 a 1.300 mil MW médios, depende, naturalmente, dos volumes sinalizados pelas distribuidoras, essa é uma estimativa do nosso Grupo, onde nós teremos aqui já a participação de térmicas e já com alguns empreendimentos hídricos.

E o leilão mais aguardado, o leilão estruturante da usina hidrelétrica de Belo Monte, uma expectativa de 11 mil MW desta usina, que deverá ocorrer também ao final do quarto trimestre do ano. E onde a CPFL Energia tem uma equipe dedicada, estudando e deve participar deste leilão.

Na seqüência, nós temos na **página 13** algumas informações também sobre a área de serviço e valor agregado. Essa atividade foi bastante afetada principalmente no primeiro trimestre do ano em vista da crise, mas já claramente retomando perspectivas.

Então nesse segundo trimestre nós fechamos 69 novos contratos, que foram assinados nesse segundo trimestre no valor de cerca de R\$ 20 milhões, apenas faturamos 6% desse volume, ou seja, R\$ 1 milhão. Os 94% remanescentes é a carteira da Companhia a ser faturada nos próximos meses.

E, com isso, conseguimos, apesar da crise, manter uma trajetória de crescimento na comparação com o mesmo trimestre do ano passado, mesmo com a crise nós tivemos um crescimento de 8,2%.

Embaixo só reportando a expansão da nossa rede de recebimento de contas e serviços - o CPFL Total que continua crescendo, então cerca de 50% a mais de pontos de atendimento, praticamente chegando a 1.5 mil. 84% mais transações, o que mostra a eficiência desses novos pontos. E na receita bruta crescemos cerca de 124%, atingindo então R\$ 3,5 milhões.

Passo na **página 14** apenas a reportar a nossa emissão de debêntures liderada pelo Filippo, na área financeira. Como eu falei, um desafio muito grande de uma emissão conjunta de sete companhias - a Paulista, a RGE, CPFL Geração, CPFL Brasil, algumas concessionárias da CPFL Jaguariúna, a Leste Paulista, Sul Paulista e Jaguari.

Essa emissão foi feita então em 1 de julho passado, com vencimento de dois anos, como eu falei, no valor ponderado dessas transações, uma emissão de R\$ 1 bilhão, a uma remuneração média 110,3% do CDI.

Essa emissão tinha um *rating* da Standard & Poor's 'brAA+' em escala nacional, incluindo todas as nossas concessionárias... incluindo a CPFL Energia, perdão. E a cada uma das concessionárias 'brAA', no caso da RGE, e as demais com 'brAA+'.

A oferta foi 100% absorvida pelo mercado, e corresponde a um sucesso importante, e a companhia se capitaliza então para viabilizar o seu imenso programa de crescimento.

Falando nas dívidas financeiras, passamos a página 15 onde há um detalhamento da dívida líquida ajustada, que somou então nesse final de trimestre um pouco superior a R\$ 6 milhões. Colocando a companhia com uma estrutura de capital de 55% o capital de terceiros, 45% o capital próprio. E atingindo, como eu falei, um indicador dívida líquida ajustada Ebitda de 2,17%.

Mas só lembrando que ela incorpora principalmente a dívida líquida, fruto do investimento em curso, em particular de Foz do Chapecó. E somente excetuando-se este investimento, nós estamos com essa obra desde o final de 2006, começo de 2007, então já em fase final, 75% da obra pronta, se nós excluíssemos os efeitos dessa dívida, dado que ela ainda não tem Ebitda, nós estaríamos com um *rating* de 1.92% ao invés de 2.17% - que é um *rating* próximo daqueles que nós entendemos como saudável.

O perfil da dívida, na **página 16**, mostrando aqui o CDI com 57%, e a TJLP com 31%. E aí as principais razões para a queda da nossa despesa financeira, ou seja, a variação da Selic, da TJLP, e também do IGP-DI, que é o indexador das nossas despesas com a Fundação Cesp.

Todos eles na avaliação comparativa dos trimestres com queda Selic de 2.8% para 2.4%, TJLP de 1.5%... na verdade é cerca de 1.6%, era 6,2% ao ano e passou para 6%. E o IGP-DI até negativo, -0,1%.

Isso faz com que o custo real da nossa dívida atinja o seu menor valor desde a criação da Companhia, atingindo 7%, 11,8% nominal. E a despesa financeira sobre o Ebitda da Companhia também uma performance extraordinária, uma redução de praticamente 20%, vindo de 0,31 vezes para 0,24 vezes.

Temos aqui na **página 17** o comportamento das ações no acumulado de 2009. Essas cotações então do fechamento de 10 de agosto, nós temos aqui um crescimento de CPFL Energia de 21,5% contra o índice do setor de 40,1%, e o

Bovespa de 51,3%. Isso se deve principalmente porque no ano passado foi uma ação que se manteve muito forte, então nos últimos doze meses cerca de 6% de crescimento, contra 13,6% do setor elétrico e 0,4 do Bovespa.

O comportamento em Nova York é influenciado diretamente pela variação cambial, pela valorização recente, inclusive, do real frente ao dólar, razão pela qual nós atingimos 52,9% contra um Dow Jones de 6,4%.

E destacando-se aqui o aumento de volume, a retomada do volume da companhia, chegando a R\$ 30 milhões diários, praticamente dois terços disso em Bovespa, e um terço disso em Nova York.

Mas já aumentando a participação em relação ao volume total da Bolsa, que atingiu 0,32 no primeiro trimestre, e já voltou para 0,43%. Isso mantém a Companhia posicionada, participando dos principais índices da Bolsa de São Paulo e de Nova York.

Estou concluindo aqui com a **página 18**, onde nós temos aqui os reconhecimentos feitos, como eu falei, pela Management & Excellence, seja na parte das empresas mais sustentáveis da América Latina, ela foi a primeira colocada, e do *ranking* de transparência, a segunda colocada.

Eram essas as informações que tínhamos para esse segundo trimestre. Eu, junto com a minha diretoria, acompanhada pelo Filippo, estou à disposição para qualquer pergunta que tenham. Muito obrigado.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digitem asterisco (*) um (1). Para retirar a sua pergunta da lista, digitem a tecla sustenido (#).

Com licença, nossa primeira pergunta vem do **Sr. Ricardo Cavenagh**, da **Raymond James**.

Sr. Ricardo Cavenagh: Bom dia a todos. Eu tenho duas perguntas, a primeira é relacionada com a demanda. Como vocês estão antecipando o ritmo de recuperação da demanda do segmento industrial nos próximos trimestre. E se antecipam manutenção do ritmo de crescimento dos segmentos comerciais e residenciais nos próximos trimestres também.

E a segunda pergunta está relacionada com a revisão anual e final da CPFL Piratininga, quais são as suas expectativas por esse lado.

Sr. Wilson Ferreira Junior: Perfeito. Eu vou começar pela segunda parte. No caso específico da CPFL Piratininga, tal como as demais concessionárias, ela tem as sua base de remuneração definitiva, então não há feito remanescente disso.

Mas ela tem... e até outubro, ela tem a aplicação da chamada "AP52", ou seja, aquela resolução que dá conta de um novo limite para os custos gerenciáveis da companhia.

Então, é natural, que a gente tenha algum tipo de efeito, eu diria que é leve, essa metodologia tem trazido reduções na casa de 3 a 4% na empresa de referência. E, por ser provisória, ela tem que reconhecer dois anos para trás.

A CPFL Piratininga é a terceira maior distribuidora nossa, eu diria que o efeito, no conjunto, não deve ser significativo, e ele terá que ser feito naturalmente reconhecendo dois anos.

No que diz respeito ao total de vendas de energia, nós estamos... em termos de melhor estimativa para o ano, nós estamos imaginando alguma coisa... esse número de 4,4% que nós falamos recentemente, ele deve chegar a algo próximo de 3,8%. Nós trabalhávamos com a perspectiva de um valor em torno de 4%, e ele deve ser levemente inferior, na casa de 3,8%.

Destacando-se aqui no segmento residencial um crescimento na ordem de 3,6... perdão, no segmento residencial de 5,3, no segmento comercial de 4,8%. E nós teremos ainda o industrial caindo alguma coisa, esses valores que nós temos hoje próximo de 9, nós devemos cair para alguma coisa em torno de 4% no segmento industrial. O que vai fazer com que o consumo total seja da ordem de 3,8 a 4% de crescimento no ano...

Sr. Ricardo Cavenagh: Muito obrigado.

Sr. Wilson Ferreira Jr.: (inaudível X 39:54) comportamento industrial.

Sr. Ricardo Cavenagh: Fantástico, obrigado.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do **Sr. Márcio Prado**, do **Santander**.

Sr. Márcio Prado: Bom dia Wilson, bom dia Filippo, bom dia a todos. Queria voltar para o tema da consolidação do setor, particularmente do setor de distribuição de energia elétrica, que está saindo, ao que parece, do pior momento da crise financeira e da contração de crédito.

Eu queria alguns comentários sobre a visão de vocês sobre se, de fato, apesar de que olhando a eficiência, realmente a consolidação do setor pareceria algo que se esperaria acontecer.

Tenho visto o BNDES muitas vezes dando crédito para algumas distribuidoras menos eficientes. Então ver de vocês se vocês acham que esse processo de consolidação é algo que realmente ficou mais para o futuro e menos para o presente. Se puderem comentar também sobre Brasiliana, que é sempre um assunto envolvendo consolidação.

E uma segunda pergunta sobre isso, só mais rapidamente, se vocês pudessem comentar em termos de alavancagem financeira, na possibilidade de surgir alguma oportunidade de aquisição, olhando dívida líquida/Ebitda, olhando composição de capital, *equity* sobre o *total capital* da empresa. Quais são os níveis que vocês acham que são confortáveis para a CPFL Energia. Obrigada.

Sr. Wilson Ferreira Jr.: Pois não, Márcio. Começando pela primeira - o processo de consolidação eu diria que ele evidentemente tem muita questão ligada à questão financeira, mas especialmente nos sinais que a regulação dá sob o ponto de vista de incentivos para eficiência. E nesse caso, seguramente, esse é um setor que é um setor de escala - as operações menores teriam mais dificuldades de performar, segundo os *benchmarks* estabelecidos a cada ciclo tarifário pela Agência.

Com isso eu quero dizer, evidentemente, que nós temos um setor com 64 operações, 64 distribuidoras. E eu continuo acreditando que ao final desse processo que está se concluindo agora com as últimas revisões tarifárias definitivas - onde você tem um *reset*, como foi até respondido há pouco - não só da base de remuneração, que a maior parte das companhias teve ainda uma pequena diminuição nesse novo ciclo, eu acredito que agora com investimentos maiores, ela demande claramente a participação do BNDES, mas nós estamos falando de expansão orgânica.

Do outro lado, você tem uma redução da chamada "empresa de referência" em valores que chegam de 3 a 6% de redução no limite estabelecido em termos reais anterior. Isso força a Companhia a operar eficientemente, se ela não é capaz - e muitas não são capazes de operar abaixo desse limite - então ela está tirando um valor do acionista.

É importante destacar que na estrutura de capital estabelecida pela Agência também, nós temos uma estrutura que é de 56% de dívida com indexador, em termos reais, bastante baixo, em torno de 6%, até abaixo do valor, e nós estamos operando um pouquinho abaixo, levemente abaixo. Embora no nosso caso seja o valor consolidado do grupo, não especificamente de distribuição, mas isso é um outro desafio.

Então esses sinais, juntando ainda com o que está sendo desenvolvido agora, que é o custo, o banco de preços que vai determinar a sua formação da base de remuneração líquida, ele corresponde claramente a um sinal de consolidação.

Só será possível operar eficientemente nesse setor desde que você tenha uma estrutura de capital adequada, tomando recursos em um custo inferior aos estabelecidos pelo *benchmark*, o que coloca muito poucas empresas em condições de fazer isso.

Em segundo lugar que a companhia seja capaz com níveis de custos de O&M, pessoal, material, serviços de terceiros e outros, abaixo dessa empresa de referência que está caindo, como eu falei, entre 3% e 6% real nesse ciclo. E ainda tenha uma capacidade de viabilizar um crescimento orgânico, que é

importante destacar, a vocês todos, nesse novo ciclo ela cresce mais do que a depreciação na média de todas as concessionárias brasileiras.

E isso ocorre porque no ciclo passado as empresas estavam afetadas pelos efeitos remanescentes do racionamento, e isso fez com que elas tivessem uma diminuição de demanda por investimentos, dado que a rede ficou por um tempo até sub-carregada.

Mas agora não, quer dizer, o próprio sinal de recuperação econômica tem determinado investimentos maiores, seja de modernização para eficiência, seja exatamente na formação de novas subestações, linhas de transmissão, que viabilizam essa retomada do crescimento econômico.

Então é necessário também, se houver o banco de preço, que a companhia consiga fazer esses investimentos abaixo das referências estabelecidas pela Aneel.

Eu coloquei três pontos, existem mais. Mas só para deixar claro que, findo esse processo, é natural que mais uma onda de consolidação venha a ocorrer, tal como aconteceu no final do ciclo passado.

Os grupos estavam aguardando essas definições, e eu acredito que não ficou para frente... ficou um pouco para frente em vista do atraso do final das revisões tarifárias, mas esse movimento é real e necessário, para que a gente possa ter tarifas módicas, para que a gente possa ter qualidade do serviço homogênea - ainda existe muita diferença na performance das concessionárias brasileiras - e a consolidação é, sem dúvida nenhuma, um instrumento para que isso se viabilize.

Só pontuando a questão de Brasiliana, a Brasiliana depende de uma retomada do processo pelo BNDES. Eu não tenho dúvida que, em vista da própria crise econômica, os impactos que essa crise determinou sobre ativos financeiros, inclusive, ações, o próprio interesse ou dificuldade de liquidez que o mercado tinha, fez com que esse processo fosse postergado. E nós não temos notícias de ele está sendo retomado, pelo menos no curto prazo. Eram essas as informações.

Sr. Márcio Prado: Obrigado Wilson. Em relação a algum comentário sobre níveis de alavancagem que, no caso de uma aquisição, se vocês ficariam confortáveis? Obrigado.

Sr. Wilson Ferreira Jr.: Nós trabalhamos aqui, no caso de uma aquisição que traga Ebitda, hoje, você viu, nós estamos em torno de 1.9%. A companhia consegue duplicar isso, desde que por um prazo mais curto.

Se for uma alavancagem para viabilizar uma aquisição que crie efetivamente valor, que tenha perspectivas de sinergias, nós poderíamos chegar a alguma coisa em torno de 3 a 3,5 vezes, desde que, obviamente, por um período curto.

E, de tal maneira poder, com a viabilização do novo Ebitda, especialmente das sinergias, reduzir isso para um teto que nós operamos, entendemos de forma eficiente, da ordem de 2,5 vezes.

Sr. Márcio Prado: Perfeito. Obrigado.

Operadora: Com licença, nossa próxima pergunta vem do **Sr. Vinicius Canheu**, do **Credit Suisse**.

Sr. Vinicius Canheu: Oi, bom dia Wilson, bom dia Felipe... Filippo, desculpa. Eu tenho duas perguntas, a primeira é sobre Belo Monte. Vocês colocaram na apresentação expectativa de Belo Monte... do leilão para Belo Monte ocorrer no quarto trimestre desse ano.

Eu queria saber quais são... que vocês colocam assim como "as reais chances de ocorrer ainda esse ano", já que a gente tem visto várias notícias falando, algumas dizem que é possível, outras dizem que não.

Ou seja, qual seria o impedimento para ocorrer esse ano, se é que existe um. E qual é... dado a importância do projeto, qual é a vontade da CPFL Energia em participar do projeto e qual poderia ser um *stake* máximo em um projeto desse porte.

A segunda pergunta, em um assunto diferente, tentando lembrar aquela provisão que ocorreu no começo do ano passado, sobre recálculo de repasse tarifário, a parte de sazonalização de contrato, principalmente CPFL Paulista, se têm alguma atualização em relação aquele processo. Ou qual é a condição da provisão que a CPFL fez naquela época de 186 milhões.

Sr. Wilson Ferreira Jr.: Perfeito. Com relação a Belo Monte, um tema que prejudicava o cronograma deste ano era exatamente aquela liminar, foi cassada na semana passada.

Objetivamente é possível ter esse projeto, na nossa opinião acho que bem mais para o final do ano, provavelmente entre novembro e dezembro. Nós não paramos de estudar, e evidentemente que a liminar era importante para um conjunto de estudos, em particular ligado à questão de meio ambiente.

Então é por isso que eu acredito que o cronograma original que o governo pensava em torno de setembro/outubro, deva passar para alguma coisa entre novembro e dezembro. Eu acredito que ainda é possível, sim, se realizar esse projeto neste ano.

Trata-se, naturalmente, de um projeto desafiador, pelo seu porte, são 11 mil MW. Como eu falei, com entrada em operação de Foz do Chapecó e Baldin nós vamos para alguma coisa na casa de 2.250. Eu diria assim: será desafiador para a companhia participar, com vistas até algo como 2 mil MW, o que seria aí um *stake* máximo na casa de 20%.

Isso significa que, tal como em outros projetos, haverá a necessidade de formação de consórcio, e haverá particularmente a necessidade da participação efetiva do grupo Eletrobrás na parte pública.

Então seria razoável imaginar que, tal como os outros projetos, você poderia ter na parte privada com 51%, dois ou três grupos com *stakes* variando entre 15 e 20%, e os demais 49% com participação pública, notadamente da Eletrobrás. O que será muito importante em um projeto como esse é a participação da Eletrobrás por conta, inclusive, do domínio que empresas do grupo detêm sobre este projeto.

E, obviamente, por ter o desafio de uma obra deste porte - a primeira do estado do Pará, de um porte de 11 mil MW, uma obra para ser desenvolvida de cinco a oito anos, com implicações naturalmente sob o ponto de vista de meio ambiente e que tem que ter o máximo de competência portada e, sem dúvida nenhuma, o conhecimento desenvolvido pela Eletrobrás será fundamental para que esse projeto vá à frente.

Com relação à questão da subcontratação, a informação... nós provisionamos realmente o ano passado, fizemos esse alinhamento em todas as concessionárias. Esse projeto é objeto de uma consideração da Aneel, não houve ainda um julgamento final, razão pela qual nós não movimentamos a nossa provisão.

Esse processo ainda tem implicações, você sabe que na seqüência disso se desenvolveu... está em processo de desenvolvimento a questão ligada aos efeitos de exposição voluntária e involuntária da Aneel, então eu acredito que o projeto só será avaliado após essa nova norma relativa à exposição voluntária.

Sr. Vinicius Canheu: Ok, obrigado.

Operadora: Com licença, senhoras e senhores, lembrando que para fazer uma pergunta, basta digitar (*1).

Com licença, nossa próxima pergunta vem do **Sr. Subhojit Daripa**, do **Morgan Stanley**.

Sr. Subhojit Daripa: Wilson, Filippo, bom dia. A pergunta é simples, eu queria que se vocês pudessem falar um pouquinho, estando dentro da CPFL Energia, dentro do conjunto controlador Camargo, fundos de pensão e etc., nesse contexto de queda de taxa de juros, vocês têm tido alguma discussão interna.

Ou se vocês puderem dar uma idéia de como é que está evoluindo a discussão interna, principalmente no tocante aos fundos de pensão, não só Previ, como Sabesprev, enfim, os outros fundos de pensão que compõe o Conselho.

Há o interesse maior ou menor, ou indiferente, com relação a investimentos adicionais na parte de infra-estrutura, particularmente a do setor elétrico, aquisições, novos projetos, enfim... trabalhar como o horizonte de investimento

maior nesse setor, dado que a renda fixa claramente não está oferecendo grandes ganhos para esse pessoal que tem essa meta atuarial e etc. Obrigado.

Sr. Wilson Ferreira Jr.: Subhojit, obrigado pela pergunta. Óbvio que eu não posso falar em nome dos fundos, mas talvez compartilhar com você um pouco do resultado que nós tivemos na nossa própria emissão de debêntures, onde nós tivemos aqui uma participação maior dos fundos de pensão do que tipicamente nós temos verificado nas nossas debêntures, o que denota claramente o interesse por papéis de boa qualidade e com uma remuneração que, no caso dos 110% do CDI, bate o custo atuarial deles, sem que haja um risco adicional incorporado.

A gente verifica pelos movimentos inclusive ligados à procura, isso pelo próprio jornal, de fundos por participações na área de infra-estrutura, evidentemente eles estão à procura de oportunidades que tenham um *yield* fixo com baixo risco. Sem dúvida nenhuma o setor elétrico é uma alternativa real, porque seja nos projetos *greenfields*, seja nos projetos de empresas como a nossa, você tem um PPA de longo prazo.

E se a empresa tiver um desempenho operacional que seja reconhecido, o risco, seja da ação, seja do papel de dívida da companhia, seja de um investimento *greenfield*, passa a ser muito baixo, e a gente acredita que isso claramente está ocorrendo.

O nosso próprio fundo, a gente observa... é desafiador, porque é um fundo que continua se formando, já procurando por oportunidades ou por papéis que tenham um *yield* atuarial, dado que você não tem indexadores, tipo IGP, em mercado hoje, mas eles procuram custo atuarial de IGP+6. Então eu não tenho dúvida que o papel do setor elétrico, em particular na área de geração, são oportunidades que vão ser procuradas mais intensamente por esses fundos.

Sr. Subhojit Daripa: E aí nesse contexto, Wilson, quer dizer, passa pela cabeça de vocês... vocês tiveram discussões internas no sentido de que nos novos investimentos vocês pudessem adotar estratégias, ou estruturas diferenciadas, como financiamento na estrutura de mezanino, etc., para justamente poder atrair mais no *equity* esse tipo de investidor que, naturalmente, é direcionado para o setor elétrico.

Sr. Wilson Ferreira Jr.: Vou pedir que o Filippo responda essa pergunta.

Sr. José Antônio de Almeida Filippo: Subhojit, na verdade, estruturas como essas a gente busca na companhia, mas elas têm ineficiência fiscal às vezes. O que a gente tem feito é captar sempre nos veículos operacionais aqueles que vão fazer uso do recurso captado e com garantia da holding, que de certa maneira dá esse grau de exterioridade ao papel ligado à holding. Então essa é a linha que a gente tem buscado fazer, sempre priorizando o aspecto do aproveitamento fiscal e a eficiência também para o balanço da companhia.

Sr. Subhojit Daripa: Entendi. E só para finalizar, se você, Filippo, colocasse esses 110 do CDI que vocês captaram da debênture na curva, quanto que isso

daí seria de remuneração real se eu utilizar um indexador como... enfim, IGP-M, que é o *hedge* natural que vocês têm, seria o IGP-M mais quanto?

Sr. José Antônio A. Filippo: Isso depende muito do mercado no momento, é difícil essa conta, mas ele estaria... hoje talvez o IGP-M, Subho, para te dar uma posição mais prática, começa aparecer papéis no mercado hoje em IPCA mais *spread*. Eu acho que o IGP-M a gente não tem visto emissões, então ele está fora do dinheiro e qualquer referência hoje talvez não seja a melhor.

As IPCAs, a gente está vendo aí companhias emitindo na faixa de 7... 8% mais IPCA, a gente entende que o nosso 110 estaria abaixo disso. Ou seja, hoje qualquer moeda que não seja o CDI, ela embute um prêmio que é melhor você estar no CDI, e pela vida do papel que você tem em CDI, você pode estar buscando um indexador IGP-M, como você falou, IPCA, em algum momento em que o mercado propicia uma condição melhor.

A gente faz muito, já fizemos isso algumas vezes, de buscar... transformar o CDI em pré, e mesmo o IGPM em CDI, você deve ter acompanhado no passado algumas operações. Então nos parece que nesse momento o mais certo, que você não tenha nenhum prêmio embutido, é você buscar o CDI. E ao longo da vida dessa dívida, através da sua tesouraria, tentar uma possibilidade de transformar em outro indexador, ou mesmo pré-fixar, aproveitando algumas janelas de mercado.

Sr. Subhojit Daripa: Tá ótimo, obrigado.

Operadora: Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao **Sr. Wilson Ferreira Junior** para as considerações finais.

Sr. Wilson Ferreira Jr.: Muito bem, novamente eu queria agradecer a presença, a participação, o atendimento de vocês analistas e investidores a essa conferência. Queria reafirmar aqui a nossa confiança nesse processo de retomada de venda de energia, ou retomada do crescimento econômico brasileiro, em particular em alguns segmentos industriais que começam a denotar mais claramente essa perspectiva.

E obviamente a repercussão positiva que essa retomada pode trazer na plataforma de CPFL, dado que, em particular, sete das suas oito distribuidoras já passaram pelas suas revisões tarifárias, todos os volumes de energia e geração da companhia estão vendidos em longo prazo, indexados à IGPM.

E especialmente que nós temos aí a perspectiva muito breve de entrada em operação de Foz do Chapecó, o que adiciona cerca de 30% de capacidade na nossa companhia, talvez em um prazo de cerca de nove meses, praticamente um ano daqui, nós estamos no final desse projeto, junto com a Bioenergia.

Acho importante ressaltar, e nós fizemos esse apontamento desta vez, em relação aos leilões futuros de energia, o que já vai ser um sinal também importante do tamanho desta retomada. Aqui se trata de uma sinalização

coletiva das distribuidoras, das suas necessidades a três e a cinco anos deste momento, e que serão importantes para viabilizar novos empreendimentos, ou oportunidades de empreendimentos na área de geração, e a cobertura total das perspectivas de venda de energia das distribuidoras no longo prazo.

São indicadores importantes que estarão sendo compartilhados, neles a CPFL estará em cada um deles, muito provavelmente comprando, como grande grupo de distribuição, mas já participando seja de Belo Monte, seja do Leilão de Eólica, para que a gente possa expandir a nossa geração.

Acho importante... não falamos, mas acho importante só ressaltar o mercado livre, em que pese o reflexo de uma queda de venda da ordem de 12% no mercado livre. Esse mercado teve uma redução de cerca de 4% no volume total de energia brasileira, e encontra aí uma perspectiva nova de crescimento em vista da nova atividade, ou da recuperação desses grandes consumidores.

Em cada um desses segmentos - distribuição, geração e comercialização - a companhia está bem posicionada. Nós esperamos compartilhar com vocês nos próximos trimestres o êxito da estratégia que estamos desenvolvendo. Agradeço novamente a todos pela presença no dia de hoje. Até logo.

Operadora: A audioconferência da CPFL Energia está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham uma boa tarde.
